

PREFÁCIO

Em fevereiro de 2019, recebi um convite do meu colega Armando Paulo Ferreira Loureiro, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, para integrar o júri das provas de doutoramento de Maria José Quaresma Portela Corrêa, sua orientanda, cujo título era “Evasão escolar na Educação a Distância: um estudo de caso da universidade Aberta do Brasil em um polo de um município do Maranhão.”

Participar em júris de doutoramento, nomeadamente em universidades que não a que pertencemos, é um imperativo acadêmico, mas é também uma honra e uma renovada oportunidade de reforçar laços de cooperação pessoal e interinstitucional. Eu já conhecia o trabalho do meu colega, que é especialista em Sociologia da Educação e em Educação de Adultos, e partilhava com ele o interesse pelas abordagens qualitativas em investigação em educação, nomeadamente a etnográfica. Portanto foi sem a mínima hesitação que aceitei o convite.

Às razões de natureza institucional devo acrescentar ainda outra, de índole mais pessoal: trabalhei inúmeras vezes, no Brasil, com estudantes de pós-graduação (mestrado e doutoramento) da minha Universidade, tendo começado precisamente em S. Luís, capital do estado do Maranhão, em 2004. Embora o lócus da investigação de Maria José Quaresma Portela Corrêa tenha sido um município localizado no interior do estado, essa circunstância apenas serviu para aumentar a minha curiosidade e, conseqüentemente, a minha disponibilidade.

Como se sabe, e a publicação deste livro é prova disso, a tese foi aprovada por unanimidade pelo júri, tendo sido atribuído o título de doutora à candidata. Como fui um dos arguentes, tive necessidade de analisar o trabalho com especial cuidado, o que me levou, também, a tentar conhecer um pouco mais sobre a candidata do que as teses informam normalmente. Explico o porquê: eu já tinha participado de muitíssimos júris de doutoramento e estava habituado, portanto, aos invariantes acadêmicos que costumam formatar a escrita de teses. Um desses invariantes costuma ser uma espécie de impessoalismo, ou seja, uma tentativa de fazer eclipsar o autor do texto para reforçar uma ideia de distanciamento, tida por sinônimo de cientificidade. É claro que quem está familiarizado com as abordagens qualitativas não pensa

dessa maneira, mas não há dúvida de que o velho positivismo ainda pesa no trabalho científico, ao ponto de também influenciar investigações que reclamam inscrição noutros paradigmas, designadamente o interpretativo, em que a subjetividade é tida como um recurso do investigador e não como uma ameaça à ciência.

Dessa vez, encontrei uma voz autêntica no texto, entretecida na problemática instigadora da investigação. E, além da voz, breve, mas explícita, informação biográfica sobre a candidata, suscetível de dar ao leitor uma informação contextual importante. A partir dessa informação soube que a candidata era da minha geração e que, ao contrário de mim, que vivo há quase 35 anos tentando influenciar o mundo a partir do interior da academia, ela tinha feito o contrário, ou seja, trazia à apreciação da academia a sua contribuição para mudar o mundo *dela*.

Soube que tinha se tornado professora aos 16 anos, na rede municipal de ensino; aos 20 anos era professora “normalista”, mas só aos 49 anos (em 2004) obteve o primeiro diploma de graduação (Licenciatura em Matemática). Depois disso, aos 60 anos de idade, tornou-se mestre em Ciências da Educação, área de Educação de Adultos, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (em 2015), já sob a orientação de Armando Loureiro, e, em 2017, voltou a licenciar-se em Pedagogia, que seria uma paixão antiga, por meio da modalidade de Educação a Distância.

O seu doutoramento, numa idade em que a maioria dos professores se preparam para a aposentadoria, ou já estão aposentados, acaba por ser o corolário de uma vida inteira de trabalho no terreno, a maior parte do tempo longe da academia, mas aspirando trazer para dentro dela esse olhar dos que partem da prática para a teoria, que já foi, como sabemos, a ordem natural das coisas.

Na minha busca para saber algo mais sobre a candidata, resolvi fazer o que passou a ser óbvio nos dias de hoje: *googlei* o seu nome e encontrei-o como nome de escola, mais concretamente, da Escola Pública Municipal Maria José Quaresma Portela Corrêa, situada na zona rural da cidade de Nina Rodrigues, bem no interior-sul do estado do Maranhão, onde decorreu o seu trabalho de campo. Em Portugal, onde redijo estas linhas, não conheço nenhum caso de um professor na ativa ser já nome de escola. Esse fato, portanto, é mais um a juntar à compreensão do perfil da doutora Maria José Quaresma Portela Corrêa, e revela, eloquentemente, a projeção que ela tem na sua comunidade, antes de vir bater à porta da academia reclamando o seu título de doutora.

Quanto a este livro, que consiste na tese em forma de publicação destinada ao grande público, ele revela também a elevada competência científica e metodológica do doutor Armando Paulo Ferreira Loureiro, e a sua habilidade de encontrar maneiras de orientar a investigação, apesar de trabalhar a cerca de 7 mil quilômetros do local da pesquisa e das dificuldades inerentes a uma orientação a distância.

Finalmente, uma palavra sobre a temática do livro e sobre a sua relevância: sempre entendi, e continuo firme na convicção, que a Educação a Distância pode, à falta de melhor solução, ser um meio ao serviço da educação, da educação de adultos e da capacitação dos professores. Mas não é, evidentemente, a última maravilha do mundo e ainda está muito longe de poder resistir a uma comparação com os ambientes presenciais formais de aprendizagem, como, aliás, pôde-se agora comprovar aqui em Portugal, quando as escolas foram encerradas por causa da pandemia da Covid-19 e os professores foram obrigados a lecionar por videoconferência. Mas se estiverem resolvidas as principais questões relacionadas com a infraestrutura (existência de meios informáticos e de serviços de internet de boa qualidade) e com os apoios locais (monitores bem preparados e motivados), e obtida a anuência e a participação dos destinatários, a Educação a Distância é um recurso com que se pode contar, nomeadamente, em locais tão distantes dos grandes centros e em países tão extensos, que se torna problemático atender a todos, simultaneamente e por meios presenciais.

Este livro, ao focar a evasão e tentando compreendê-la, oferece uma contribuição importante para se (re)pensar a Educação a Distância na formação de professores que moram e trabalham na periferia, mas que nem por isso têm menos necessidade e menos direito que os demais a uma capacitação de qualidade. Trata-se de um contributo de alguém *de dentro*, profundamente conhecedora do meio e dos seus *handicaps* estruturais, em coautoria com alguém que, sendo *de fora*, supervisionou a investigação como se fosse igualmente nativo.

Carlos Nogueira Fino.¹

¹ Professor catedrático. Mestre em Educação, especialidade de Análise e Organização de Ensino, pela Universidade do Minho. Doutor em Educação, especialidade de Pedagogia, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Agregação na área de Tecnologia e Inovação Pedagógica, disciplina de Tecnologia e Pedagogia Construtivista, na Universidade da Madeira. Funções de direção na Universidade da Madeira: presidente da Faculdade de Ciências Sociais (maio de 2016 a julho de 2018); coordenador da área científica de Ciências da Educação da Faculdade de Ciências Sociais (maio de 2012 a maio de 2016); presidente do Departamento de Ciências da Educação (2002 a 2006); coordenador da linha de investigação em Inovação Pedagógica do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira (desde 2003).

Funchal, 30 de junho de 2020.

*Doutor em Educação, especialidade em Pedagogia, pela Faculdade de Ciências da
Universidade de Lisboa.*

*Coordenador da linha de investigação em Inovação Pedagógica do Centro de
Investigação em Educação da Universidade da Madeira (desde 2003).*